

Duas Versões da *Jihad*?

Análise do Pensamento, Objetivos e Estratégia do Daesh e da Al-Qaeda

Maria do Céu Pinto Arena

Vice-Reitora e Presidente do Conselho Pedagógico da Escola de Economia e Gestão (EEG) da Universidade do Minho.

Resumo

O Estado Islâmico do Iraque e al-Sham (ISIS), conhecido como Estado Islâmico/Daesh, suplantou a Al-Qaeda como a ameaça jihadista mais premente. A ideologia, retórica e objetivos a longo prazo do ISIS são semelhantes e os dois grupos já foram formalmente aliados. Os dois competem, tanto pela liderança, como pela essência do movimento jihadista global. As duas organizações diferem fundamentalmente sobre quem veem como seu principal inimigo e sobre várias questões doutrinárias e estratégicas. O estudo demonstra como a Al-Qaeda e o ISIS têm recorrido cada vez mais a estratégias mistas e “glocais”, combinando a ênfase em conflitos locais e uma atuação cada vez mais global, apesar das divergências e rivalidade que separam estes grupos. A associação entre grupos jihadistas conduziu a uma maior flexibilização e ambiguidade dos objetivos políticos e das suas prioridades estratégicas. A transformação da Al-Qaeda após a destruição da sua base afegã contribuiu para a sua “hibridização” na for-

ma de grupos locais “glocalizados”, combinando objetivos locais e globais. Esta cooperação permitiu conciliar a natureza cada vez mais desterritorializada do jihadismo global com estruturas organizacionais ligadas a territórios específicos.

Palavras-chave: Estado Islâmico do Iraque e al-Sham (ISIS); Al-Qaeda; Diferenças Doutrinárias; Estratégia; Desterritorialização; “Glocal”.

Abstract

Two Versions of Jihad? Analysis of Daesh and Al-Qaeda Thought, Objectives and Strategy

The Islamic State of Iraq and al-Sham (ISIS), known as the Islamic State/Daesh, has supplanted Al-Qaeda as the most pressing jihadist threat. ISIS's ideology, rhetoric, and long-term goals are similar, and the two groups were once formally allied. The two compete for both leadership and the essence of the global jihadist movement. The two organizations differ fundamentally on who they see as their main enemy, as well as on various doctrinal and strategic issues. The study demonstrates how Al-Qaeda and ISIS have increasingly resorted to mixed and "glocal" strategies, combining an emphasis on local conflicts with an increasingly global action, and that, despite the divergences and rivalry that separate those groups, the association between jihadist groups has led to greater flexibility and ambiguity in their political objectives and strategic priorities. The transformation of Al-Qaeda after the destruction of its

Afghan base contributed to its "hybridization" in the form of "glocalized" local groups combining local and global objectives. This cooperation has allowed Al-Qaeda to reconcile the increasingly deterritorialized nature of global jihadism with organizational structures tied to specific territories.

Keywords: *Islamic State of Iraq and al-Sham (ISIS); Al-Qaeda; Doctrinal Differences; Strategy; Deterritorialisation; Glocal.*

Artigo recebido: 18.03.2022

Aprovado: 20.04.2022

<https://doi.org/10.47906/ND2022.161.01>

O Estado Islâmico do Iraque e al-Sham (ISIS), conhecido como Estado Islâmico/Daesh¹, suplantou a Al-Qaeda como ameaça jihadista mais premente. A ideologia, retórica e objetivos a longo prazo do ISIS são semelhantes e os dois grupos já foram formalmente aliados. Os dois competem, tanto pela liderança, como pela essência do movimento jihadista global. Os grupos globalistas abraçam uma ideologia salafita jihadista comum que estrutura a sua estratégia política e as suas razões em torno da oposição aos regimes muçulmanos que não aplicam a sua conceção da lei islâmica e aos países ocidentais por os apoiarem. É uma forma de ativismo transnacional violento que visa mobilizar os muçulmanos de todo o mundo para restaurar uma conceção rigorosa da ordem política e religiosa decorrente dos primeiros tempos do Islão. Sucessivas ondas de mobilização jihadista, a partir da guerra do Afeganistão, criaram redes de indivíduos, líderes e grupos cada vez mais vastos e interligados. Apesar das divergências pessoais, táticas e estratégicas, estas redes estruturaram o debate estratégico sobre a *jihad* e os seus aspetos práticos, e forneceram uma base de apoio com a qual os grupos jihadista podem contar.

O jihadismo global está associado a conflitos jihadistas transnacionais que contribuem para um novo processo de *framing* (enquadramento) do conflito², moldam entendimentos partilhados do mundo e do papel dos jihadistas, legitimam e justificam o ativismo coletivo violento, criam novos repertórios de violência e reforçam a coesão organizacional.

A *jihad* global reúne grupos afins, apesar das disputas que existem na galáxia jihadista, como é o caso da Al-Qaeda e do ISIS. As duas organizações diferem fundamentalmente sobre como quem veem como seu principal inimigo, sobre várias questões doutrinárias e relativamente à estratégia. Tradicionalmente, a Al-Qaeda privilegiava ataques terroristas em larga escala focados no inimigo longínquo, enquanto que o ISIS se focou na conquista territorial e na governação. O ISIS chegou a ser um pseudo-Estado, governando um vasto território entre a Síria e o Iraque; a Al-Qaeda um grupo que atuava na sombra.

O objetivo deste artigo é comparar a trajetória e evolução dos dois movimentos que tiveram início num tronco comum. O artigo mapeia a evolução do ISIS, ascensão e queda e a sua metamorfose na fase de declínio. Pretende-se também evidenciar como, apesar de todas as diferenças que dividem os movimentos, se tem vindo cada vez mais a esbater a distinção teórica entre o “inimigo próximo” e o “inimigo distante”. O estudo demonstra, por fim, como a Al-Qaeda e o ISIS têm recorrido

1 As pessoas que não reconhecem a organização como “Estado”, nem como “Islâmico” usam o acrónimo Daesh – do árabe, *ad-Dawlat al-‘Irāq wa sh-Shām*, “Estado do Iraque e do Levante”.

2 A perspetiva de enquadramento (*framing*) consiste na modificação dos objetivos e reorientação estratégica dos grupos violentos devido a múltiplos fatores. Ver a obra de McAdam, McCarthy e Zald (1996), Snow e Byrd (2007) e Arena (2018).

cada vez mais a estratégias mistas e “glociais”, combinando a ênfase em conflitos locais e uma atuação cada vez mais global.

A metodologia usada neste trabalho centrou-se essencialmente na análise da literatura sobre o ISIS, a Al-Qaeda e jihadismo global. Para tal recorreremos a um vasto leque de obras académicas, relatórios de segurança e outros materiais publicados por agências internacionais e de instituições independentes (*grey literature*), notícias em fontes abertas e fontes primárias quando escritas em língua inglesa.

Em termos de enquadramento teórico-conceptual, o jihadismo global é um fenómeno complexo e em constante evolução, que apresenta dificuldades relevantes à sua investigação. O estudo do jihadismo global recorre a diversas áreas científicas, as quais explicam vários prismas daquele. Para desenvolver um estudo deste tipo é fundamental integrar vários níveis analíticos, como a ideologia e a narrativa; questões estruturais a nível internacional, regional e local; fatores organizacionais e sociais, bem como processos individuais.

Em termos de um corpo literário relacionado com a globalização do jihadismo, destacamos, por exemplo, os contributos de Thomas Hegghammer, Fawaz Gerges, Olivier Roy, Farhad Khosrokhavar, François Burgat, Gilles Kepel, Brynjar Lia, Quintan Wiktorowicz, Nelly Lahoud, Aaron Y. Zelin, William McCants, Cole Bunzel, Charles Lister ou Daniel Byman.

O artigo conclui que, apesar das divergências e rivalidade que separaram o ISIS da Al-Qaeda, a associação entre grupos jihadistas conduziu a uma maior flexibilização e ambiguidade dos objetivos políticos e das suas prioridades estratégicas. Tal não é equivalente a dizer que o jihadismo é unitário ou um movimento monolítico. Abrange centros de poder concorrentes e ortodoxias ideológicas, como exemplificado na separação do ISIS em relação ao seu antigo patrono, a Al-Qaeda. A transformação da Al-Qaeda após a destruição da sua base afegã contribuiu para a sua “hibridização” na forma de grupos locais “glocalizados”, combinando objetivos locais e globais. Esta cooperação permitiu conciliar a natureza cada vez mais des-territorializada do jihadismo global com estruturas organizacionais ligadas a territórios específicos.

Origens Comuns

A Al-Qaeda emergiu no início do novo século como o grande centro da militância e do terrorismo transnacional islâmico. Tendo emergido da *jihad* antissoviética no Afeganistão nos anos 80 do século passado, procurou unir na mesma rede pequenos grupos jihadistas, criando uma vanguarda de combatentes operacionais e altamente qualificados capazes de liderar o projeto global jihadista (Byman, 2015a). O fim da Guerra do Afeganistão alimentou uma reorientação estratégica da Al-Qaeda,

que decidiu redirecionar a sua luta contra os regimes árabes considerados corruptos devido ao seu relacionamento com os EUA, culpando estes últimos pela continuação do conflito israelo-palestiniano e por apoiarem o domínio de regimes árabes “corruptos” na região.

A resposta americana aos atentados de 2001 foi particularmente dura: eliminou muitos dos seus líderes, desmantelou redes de financiamento, destruiu campos de treino, infiltrou as suas redes de comunicação e minou a sua capacidade operacional. Ainda assim, a Al-Qaeda permaneceu como a marca do movimento jihadista global no período da guerra no Afeganistão e no rescaldo da invasão anglo-americana do Iraque em 2003. A incapacidade de repetir ataques, como o 11 de setembro, reduziu a sua influência simbólica. A eliminação do seu carismático líder, Osama bin Laden em 2011, contribuiu definitivamente para o enfraquecimento (Byman, 2015b) da organização e para a necessidade de uma reestruturação tática.

Durante este período, os fenómenos de desestabilização acentuaram-se e a situação de segurança deteriorou-se em grandes partes do grande Médio Oriente, do Iraque ao Iémen, incluindo os países do Norte de África e do Sahel. A Al-Qaeda evoluiu para uma “marca” regionalizada, tal como a Al-Qaeda no Magrebe Islâmico ou a Al-Qaeda na Península Arábica. Continuou a ser uma inspiração para outros grupos terroristas como o Al-Shabaab na Somália e o Jemaah Islamiah na Indonésia.

No Iraque, onde a situação se deteriorou mais rapidamente como resultado da intervenção americana de 2003, a Al-Qaeda compreendeu rapidamente a possibilidade de intervir no cenário mais importante da *jihad*, onde os grupos de combatentes se tinham multiplicado rapidamente. A oposição armada contra a presença americana concentrou-se em torno de Abu Musab al-Zarqawi, um jihadista jordano que tinha lutado no Afeganistão entre 1990 e 2001. A demonstração de lealdade e filiação a Bin Laden, em 2004, e a criação de uma sucursal local da Al-Qaeda – Al-Qaeda no Iraque (AQI) –, conferiu prestígio e visibilidade à organização.

Al-Zarqawi e a liderança central da Al-Qaeda partilhavam a ambição de criar um Estado no Iraque para servir de protocalifado, um objetivo que foi discutido mesmo antes da mudança de al-Zarqawi para o norte do Iraque em 2002 (Zelin, 2014b, p. 15). A propósito da deslocação de al-Zarqawi para o Iraque, o estratega militar da Al-Qaeda, o egípcio Sayf al-Adel, escreveu: “Esta [seria] a nossa oportunidade histórica através da qual talvez poderíamos estabelecer o Estado islâmico, que teria o papel principal de erradicar a opressão e ajudar a estabelecer a Verdade no mundo, se Deus quiser” (*apud* Zelin, 2014b, p. 15).

No entanto, a relação entre a Al-Qaeda e a sua estrutura afiliada no Iraque rapidamente se tornou tumultuosa. Al-Zarqawi favoreceu a guerra sectária (Hassan, 2018, p. 1; Fishman, 2012, p. 9), ou seja, ataques à comunidade xiita, em direta contraposição com as orientações da Al-Qaeda. A escalada da campanha de al-Zarqawi contra os xiitas preocupava os líderes da resistência sunita que acreditavam que os

ataques a civis muçulmanos minavam o tão necessário apoio público à insurreição (McCants, 2015).

A brutalidade dos ataques de al-Zarqawi e mais tarde dos seus seguidores – al-Zarqawi foi morto em 2006 – levou a um distanciamento progressivo da Al-Qaeda, incluindo Bin Laden e Ayman al-Zawahiri, que procuraram sem sucesso reorientá-lo para a seleção de alvos americanos e reprovaram o assassinio de muçulmanos e os ataques sectários contra os xiitas (Holbrook, 2015; McCants, 2015, pp. 12-15).

O feroz extremismo anti-xiita de al-Zarqawi estava ligado à crença de que eles se encontram “fora da comunidade do Islão” e são traidores políticos à nação muçulmana, uma ideia avançada há sete séculos pelo teólogo da escola Hanbalita e fonte ideológica do movimento salafita, *sheikh* Al-Islam Ibn Taymiyya. A fim de atacar os inimigos do Islão, tais como os EUA, a Europa e Israel, al-Zarqawi acreditava que os jihadistas também tinham de lutar contra os xiitas, agentes das forças hostis à fé muçulmana: “as forças cruzadas desaparecerão de vista amanhã ou depois de amanhã”; os xiitas permanecerão “o inimigo próximo e perigoso dos sunitas... O perigo dos xiitas é maior e os seus danos piores e mais destrutivos para a nação [islâmica] do que os americanos” (*apud* Bunzel, 2015, p. 14).

Al-Zarqawi prosseguiu o objetivo declarado de restaurar o Califado, que foi inicialmente apoiado pelos ideólogos da Al-Qaeda, ao avaliar as condições favoráveis que surgiram no Iraque em 2005 e a popularidade emergente do conceito entre as massas sunitas. Isto levou al-Zawahiri, o número dois da Al-Qaeda, a definir para a AQI uma estratégia de quatro etapas para levar a cabo este plano: “expulsar os americanos, estabelecer um Estado Islâmico, expandir a *jihad* aos vizinhos do Iraque e, por fim, confrontar Israel” (Bunzel, 2015, p. 15). De acordo com al-Zawahiri, a expulsão dos americanos e o estabelecimento de um Estado/Califado Islâmico, eram objetivos a curto prazo.

A criação em janeiro de 2006 do Conselho Mujahedin Shura, fundindo a AQI com outras organizações jihadistas, foi pensado como o prelúdio para o advento do estabelecimento de um Estado Islâmico no Iraque (Bunzel, 2015, p. 16). No entanto, a AQI sofreu um rude golpe quando al-Zarqawi foi morto durante um ataque aéreo levado a cabo pelos EUA. O plano não foi abandonado pela nova liderança da AQI, com o iraquiano Abu Omar al-Baghdadi como novo líder e o seu vice, um egípcio, Abu Hamza al-Muhajir – também conhecido por Abu Ayyub al-Masri. Em outubro de 2006, aquela coligação estabeleceu um emirado das fações e tribos jihadistas, chamado “Estado Islâmico do Iraque” (ISI). A área do emirado deveria abarcar Bagdade, Anbar, Diyala, Kirkuk, Salah al-Din, Nineveh, e partes das províncias de Babil e Wasit (Bunzel 2015, p. 17). Contudo, a continuação do confronto sectário e a incapacidade de criar uma base do poder estatal, gerou acusações de que tal proclamação não tinha valor concreto e que o ISI era um estado fictício (Bunzel, 2015, p. 17).

O Estado Islâmico no Iraque (*al-Dawla al-Islamiyya fi 'l-'Iraq*) – também conhecido como “o Estado Islâmico do Iraque” (*Dawlat al-'Iraq al-Islamiyya*) –, ou simplesmente “o Estado Islâmico” (*al-Dawla al-Islamiyya*), foi descrito como um Estado para os muçulmanos do mundo, o proto-califado defendido por al-Zarqawi e endossado pela Al-Qaeda (Fishman, 2012, p. 8) desde 2005. Neste sentido, o porta-voz do ISI falou do seu grupo como “seguindo o exemplo do Profeta quando saiu de Meca para Medina [em 622] e estabeleceu ali o Estado islâmico, não obstante a aliança dos idólatras e do Povo do Livro contra ele” (*apud* Bunzel, 2015, p. 18).

Após o assassinato de Abu Omar al-Baghdadi e de al-Masri, em abril de 2010, a nomeação de Abu Bakr al-Baghdadi³ como novo emir do ISI, pelo Conselho da Shura, marca uma nova fase na relação com a Al-Qaeda, resultando em divergências em termos de lealdade. No Iraque, o aumento do ressentimento sunita em relação às ferozes políticas sectárias do primeiro-ministro xiita, Nouri al-Maliki, proporcionou um contexto que permitiu ao ISI colher apoios nas regiões sunitas do Iraque. As suas políticas antagonizaram gravemente a população sunita, criando um nível de animosidade entre os sunitas iraquianos que encorajou uma reação violenta.

O ISI continuou a explorar as divisões políticas e sociais existentes. Com a retirada militar dos EUA do Iraque, entre junho de 2009 e agosto de 2010, as milícias *Sahwa*⁴ também ficaram cada vez mais desiludidas com o governo de al-Maliki devido à sua falta de apoio e por ter deixado de lhe pagar os salários (Lister, 2014, p. 10).

A Guerra na Síria

Em 2011, al-Zawahiri herdou um grupo enfraquecido, e procurou uma forma de consolidar a sua liderança e de libertar a Al-Qaeda e os seus aliados da crise que os assolou, no contexto dos acontecimentos revolucionários da Primavera Árabe. Alguns dos inimigos figadais da Al-Qaeda, líderes dos Estados árabes foram afastados, e muitos dos líderes e ativistas das organizações veteranas jihadistas-salafitas, fugiram ou foram libertados da prisão e voltaram ao serviço no seio das suas organizações, que consequentemente receberam um reforço significativo e de alta qualidade nas suas fileiras.

3 Cujo verdadeiro nome era Ibrahim ibn 'Awwad ibn Ibrahim ibn 'Ali ibn Muhammad al-Badri, nascido e criado em Samarra, e educado em Bagdade.

4 O *Sahwa* – Despertar – foi uma componente chave da estratégia de *surge*, aumento de tropas dos EUA e amplamente creditado pelo seu papel na redução dramática da violência ao negar espaço à Al-Qaeda para operar a partir das áreas que controlavam e ao expulsá-la. Era composto principalmente por muçulmanos sunitas. Tornou-se uma importante força armada composta por mais de 80.000 membros (Benraad, 2011).

Os desenvolvimentos militares no conflito na Síria – incluindo a fragmentação e radicalização da oposição síria – permitiram aos jihadistas iraquianos estabelecer com segurança bases para as suas operações, com recursos financeiros e um ambiente propício para o recrutamento. Os jihadistas no Iraque tinham vindo a tentar desencadear, desde 2003, o sectarismo em todo o norte do Médio Oriente. Os governos sunitas da região reforçaram a sua retórica (Fishman, 2012, p. 7). Al-Zawahiri optou por capitalizar com as novas circunstâncias que surgiram na sequência das convulsões da Primavera Árabe. No discurso de 31 de julho de 2013, intitulado “46 anos desde a derrota dos exércitos árabes na Guerra de 1967”, al-Zawahiri apelou aos jovens muçulmanos para irem para a Síria lutar contra Bashar al-Assad, que descreveu como herege, e prometeu libertar a Síria, virando-se para Jerusalém para libertar os lugares santos da Palestina ocupada. Assim, a Al-Qaeda, sob o comando do seu novo líder, al-Zawahiri, desviou a atenção e os recursos da organização para a Síria. Foram enviados agentes seniores e veteranos a fim de supervisionar esta arena emergente da *jihad* (Fishman, 2012, p. 6; McCants, 2015). Isto refletiu a preferência fundamental de al-Zawahiri de se concentrar no “inimigo próximo”, no coração do Levante, relativamente à escolha de Bin Laden, o que foi feito face aos constrangimentos da realidade da altura, levando-o a focar-se no “inimigo distante” (Bergen, 2006).

O envio de um contingente de combatentes para a Síria no final de 2011 para formar o Jabhat al-Nusra – Frente de Salvação, ou JAN –, é um exemplo da nova fase expansionista do Estado Islâmico, uma fase que, segundo Lister (2014, p. 10), teve início já em 2009 com a retirada americana do Iraque. Em 2012, al-Baghdadi anunciou que o ISI em fase avançada de recuperação, avançando para assumir o controlo do terreno e reconsolidando a sua posição (Bunzel, 2015, p. 24). Mas em meados de 2013 assistiu-se a uma cisão no sistema de alianças da Al-Qaeda e à divisão da arena jihadista (Bunzel, 2015, p. 24).

Al-Baghdadi confirmou que o grupo de combatentes enviado para a Síria em 2011, o JAN, era um ramo do ISI e que, doravante, seria integrado no Estado Islâmico alargado do Iraque e al-Sham (ISIS). A 9 de abril, Abu Bakr al-Baghdadi divulgou uma declaração áudio anunciando a remodelação e expansão do Estado islâmico ao Levante (Sham), a palavra árabe para a grande Síria. Contudo, al-Zawahiri exigiu que a al-Nusra se assumisse como um grupo de origem síria e conduzisse de forma autónoma a *jihad* na Síria. As instruções dadas pela Al-Qaeda aos jihadistas iraquianos – que o Estado Islâmico regressasse às suas origens – foram ignoradas, inaugurando o que Bunzel (2015, p. 25) considera ser o “estado de desunião” ou *fitna*⁵ (Zelin, 2014, p. 5), a divisão dentro do movimento jihadista.

5 É um termo polissémico, mas que, no contexto da história do Islão, significa desordem, divisão e guerra civil no seio da comunidade islâmica.

A Questão da Lealdade (*Baya*)

O rebatizado Estado Islâmico do Iraque e o Levante lançou um desafio ousado à Al-Qaeda. Em maio, o próprio al-Zawahiri entrou na liça para “decidir o caso”, como ele próprio o disse. Numa diretiva escrita, anulou a incorporação do Estado Islâmico na Síria, ordenando ao JAN que permanecesse como uma entidade separada do ISIL, observando jurisdições separadas, Iraque e Síria, respectivamente (Bunzel, 2015, p. 25). Apesar de a liderança da JAN ter feito uma *baya*, juramento de fidelidade religiosamente vinculativo⁶ a al-Zawahiri – e não a al-Baghdadi –, os líderes do ISIS mantiveram a intenção de permanecer e reforçar a sua presença na Síria (Bunzel, 2015, p. 25).

O antagonismo no seio do movimento jihadista dependia da questão da legitimidade, que implica o reconhecimento da lealdade entre as duas organizações. Tradicionalmente espera-se que a *baya* cumpra certas qualificações exigidas de um Califa, incluindo ser muçulmano, homem, livre, descendente da tribo do Profeta (Qoreichitas), justo, são de espírito e erudito (Bunzel, 2015, p. 26). Em 2006, quando foi nomeado, al-Baghdadi, o recém-proclamado líder do ISIS foi intitulado *amir al-mu'minin* (Comandante dos Fiéis), o título tradicional dos califas na história islâmica, e foi descrito como um descendente dos Qoreichitas, reunindo as credenciais tradicionais para o ofício do califado: “Todos os sunitas iraquianos foram chamados a prestar-lhe o juramento de fidelidade, ou *bay'a*, e Baghdadi rapidamente identificou todos os iraquianos que não o fizeram como pecadores” (Bunzel, 2015, p. 18).

A controvérsia sobre a alegada *baya* do ISIS islâmico à Al-Qaeda tornou-se a questão chave no debate ideológico jihadista. Os jihadistas pró-Al-Qaeda apoiaram a reivindicação de al-Zawahiri, enquanto os jihadistas pró-Estado Islâmico seguiram a posição desafiadora do ISIS (Bunzel, 2015, p. 30).

O apelo do Estado Islâmico para que todos os muçulmanos emigrassem para o território sob o seu controlo também desafiava a liderança da Al-Qaeda. O ISIS defendia que é dever de todos os muçulmanos emigrarem para o Califado e renunciarem à cidadania de qualquer outra nação, enquanto aguardam, após um período de reconquista islâmica, o confronto final e a vitória com os Cruzados. Como al-Baghdadi afirmou: “Ó muçulmanos em todo o lado, quem for capaz de fazer *hijrah* (emigração) para o Estado islâmico, que o faça, porque a *hijrah*⁷ para a terra do Islão é obrigatório” (Al-Baghdadi, 2014).

6 Apenas um indivíduo pode jurar fidelidade a um líder. Uma organização não promete *baya* a outra organização (Zelin, 2014, p. 3).

7 A emigração é um episódio da vida de Maomé: quando, em 622, fugiu de Meca para Medina para salvar a sua vida de uma conjura dos opositores e preservar a sua comunidade.

A auto proclamação de al-Baghdadi foi um ato ousado. De acordo com o perito, Usama Hasan:

“Um califado islâmico, por definição, cobre todo o ‘Mundo Muçulmano’... O hipotético regresso de um califa na jurisprudência islâmica implica um grande grau de unidade muçulmana, com estas massas muçulmanas unidas a prometer-lhe voluntariamente fidelidade. Este é o erro fundamental de [IS], uma falha fatal para as suas credenciais teológicas. Eles podem ter tido o direito de declarar um “emirado islâmico” – como os talibãs fizeram no Afeganistão – ou mesmo um “Estado Islâmico”, tal como o Irão, Paquistão, Afeganistão, e Mauritânia são “repúblicas islâmicas”. Mas declarar um califado para todos os muçulmanos quando governam, na melhor das hipóteses, algumas dezenas de milhões de sírios e iraquianos de uma população muçulmana mundial de 1,2 a 1,5 mil milhões, é destruir qualquer noção de representação ou unidade muçulmana” (*apud* Lister, 2014, p. 14).

A Definição do Inimigo

As diferenças ideológicas e estratégicas fundamentais existem desde cedo, em 2005, e podem ser verificadas na correspondência entre a liderança da Al-Qaeda e al-Zarqawi (Bunzel, 2015, 21). As diferenças dizem respeito a três questões principais: a definição do inimigo, o papel da violência e o papel do desenvolvimento institucional e da governação. No que diz respeito à primeira, a carta de al-Zawahiri de 2005 encorajou de facto os “objetivos a curto prazo” da AQI: “remover os americanos e estabelecer um emirado islâmico no Iraque, ou um califado se possível” (Bertrand, 2015). O Estado Islâmico recusou-se a ceder ao enfoque estratégico da Al-Qaeda no “inimigo distante”, definindo a sua estratégia unicamente com base no “inimigo próximo” – os regimes “apóstatas” no mundo árabe, particularmente o regime de Bashar al-Assad na Síria e o do primeiro-ministro, Haider al-Abadi – e anteriormente o de Nuri al-Maliki – no Iraque. O objetivo primordial da Al-Qaeda é derrubar os regimes “corruptos” e “apóstatas” no Médio Oriente e substituí-los por governos islâmicos “autênticos”. No entanto, o objetivo imediato da Al-Qaeda era atacar os EUA, o seu principal inimigo, visto como a causa principal dos problemas na região e a sua base de apoio. O movimento estava centrado em eliminar a presença militar dos EUA da Península Arábica, e no sentido mais amplo, em erradicar ou reduzir significativamente a influência dos EUA no mundo islâmico. Embora não se oponha abertamente ao conflito sectário, que parece ser bastante apelativo e popular entre os combatentes jihadistas, a liderança da Al-Qaeda considera um erro estratégico visar os xiitas “apóstatas” e outras minorias. Tal como os seus antecessores, al-Baghdadi favorecia a purificação da comunidade islâmica de elementos que impedem a criação de um Estado Islâmico “puro”

e radicalmente sectário: isto implica o extermínio dos xiitas e de outras minorias religiosas como os yazidis, grupos rivais jihadistas, como o JAN, ou o Hezbollah xiita, bem como muçulmanos renegados (*takfiri*)⁸ (Byman, 2015a). O próprio al-Zarqawi dizia que a própria sociedade era corrupta usando, por isso, a violência para aterrorizar, radicalizar e expurgar sem acautelar as questões institucionais ou em como isso poderia ser prejudicial para a causa jihadista em geral. A Al-Qaeda sublinhou que a natureza sectária e chauvinista da *jihad* é de importância secundária quando comparada com a luta contra a agressão externa ocidental (Bertrand, 2015).

Assim, um importante ponto de discórdia entre os dois grupos é a questão da utilização indiscriminada vs. uso estratégico da violência. A Al-Qaeda teme que a excessiva brutalidade do ISIS possa repelir potenciais seguidores. A Al-Qaeda acredita que as “massas muçulmanas”, sem cujo apoio a Al-Qaeda se desmoronará e entrará em colapso, não compreendem realmente ou não se preocupam particularmente com as diferenças doutrinárias entre sunitas e xiitas, e acham difícil justificar que muçulmanos matem outros muçulmanos. Al-Zawahiri acredita que os jihadistas deveriam concentrar-se no derrube e substituição das instituições políticas que ele sentia estarem a impor uma doutrina pouco islâmica.

Outra questão divisória é a escolha dos *takfiris* como alvo, mais significativamente, a escolha da base sunita do grupo como alvo (Zelin, 2014, p. 3): “Enquanto Zarqawi pensava que a sociedade tinha sido corrompida e precisava de uma limpeza através de uma violência aterradora, a Al-Qaeda insistiu em combater os regimes “apóstatas” e evitar, sempre que possível, prejudicar a imagem do projeto jihadista” (Lister, 2014, p. 8). Já durante o domínio de al-Zarqawi, os líderes da Al-Qaeda tinham insistido num enfoque mais profundo nas instituições políticas e no território. Al-Zawahiri instou os restantes líderes da AQI a estabelecer um “Estado Islâmico do Iraque” (Fishman, 2011, p. 8).

Confronto Ideológico e Divergências na Interpretação Religiosa

O estabelecimento do Califado em junho de 2014 em Mossul, e a auto proclamação de al-Baghdadi como seu califa e líder de todos os muçulmanos, mostraram uma evolução qualitativa na conduta da *jihad* global e da sua interpretação, aumentando a atração de combatentes estrangeiros que viajaram para a Síria e Iraque para se juntarem à causa. Esta foi a primeira demonstração tangível do poder de atração do Califado estabelecido dentro de um vasto território. A proclamação do Califado

8 Acusar outro muçulmano de heresia (excomunhão) e assim justificar a sua morte. Ver Bunzel (2018).

tem um peso simbólico semelhante ao dos ataques de 11 de setembro em termos de entidade com capacidade operacional transnacional.

Em alguns aspetos, o ISIS está apenas a trilhar um caminho estabelecido pela sua organização-mãe, Al-Qaeda. Ambas enquadram as suas ideologias na conceção de *Dar al-Harb* (casa da guerra) e *Dar al-Islam* (casa do Islão), o que, no contexto literal salafita, afirma a incompatibilidade do Islão com os conceitos ocidentais de direito secular e governação e o impulso do Islão para conquistar o mundo (Fregosi, 1998)⁹. As divisões ideológicas que dividem o ISIS da Al-Qaeda têm estado presentes desde que al-Zarqawi aderiu à *jihād* no Afeganistão. A relação de al-Zarqawi com a Al-Qaeda foi sempre marcada por tensões. A luta pelo poder chegou finalmente ao fim em abril de 2013, quando al-Baghdadi entrou em rutura aberta com a Al-Qaeda. Ambos os grupos terroristas baseiam a sua teoria religiosa no salafismo e no wahhabismo. Estas conceções religiosas, sob o efeito de várias experiências jihadistas, têm-se transformado em jihadismo global. O pensamento salafita-jihadista surgiu como resultado das experiências estabelecidas no cadinho da guerra antissoviética no Afeganistão e consolidadas noutros territórios jihadistas, como a Argélia ou a Chéquia. A Guerra do Iraque deu aos jihadistas globais um ponto focal para o seu ódio contra o Ocidente (Hegghammer, 2006). O movimento jihadista sunita está também ligado à corrente wahhabita do Islão da Arábia Saudita¹⁰. Contudo, o ISIS leva esses conceitos ao extremo e é absolutamente implacável na aplicação do pensamento salafista e da tradição wahhabita (Bunzel, 2015; Lister, 2014, p. 22).

As cartas de al-Zawahiri e do representante da Al-Qaeda, Atiyat Allah Abd al-Rahman al-Libi¹¹, aconselhavam al-Zarqawi a “atenuar a violência e a aplicação exagerada da Sharia, que eles argumentaram corretamente, estava a alienar os sunitas e a prejudicar os objetivos a longo prazo do projeto global jihadista” (Zelin, 2014, p. 3; Wagemakers, 2011).

As diferenças entre as organizações não se esgotam na intensidade e inflexibilidade da aplicação das ideias salafitas. O salafismo defendido pelo ISIS vai contra a essência das tradições exclusivamente defensivas que são seguidas pela Al-Qaeda e pelos jihadistas em geral, que apresentam as suas ações como uma resposta perante os ataques aos muçulmanos no Médio Oriente por governantes “apóstatas” e pelas potências ocidentais. Eles consideram que o Médio Oriente está sob ataque dos governantes árabes seculares e dos seus apoiantes “cruzados” ocidentais (Bunzel,

9 Território ainda não conquistado, que os muçulmanos devem tentar conquistar através da guerra (*harb*) sem qualquer possibilidade de paz – *sullh*, “conciliação”: situação em que existe um tratado de não agressão ou de paz com os não-muçulmanos.

10 O fundador da seita, o *sheikh* Muhammad ibn abd al-Wahhab, foi um muçulmano do século XVIII, aliado ao clã al-Saud, que promoveu uma versão extrema do salafismo.

11 Jamal Ibrahim Ashtawi al-Misrati era um ideólogo sênior da Al-Qaeda e líder de operações que foi morto num ataque com *drones* em 2011.

2015, p. 10). O ISIS promove uma concepção ofensiva da *jihad* que advoga o extermínio dos “apóstatas”. Esta está ligada à tradição wahhabita de desenraizamento do *shirk*, da idolatria. O salafismo centra-se na eliminação da idolatria e na afirmação da Unicidade de Deus (*tawhid*). Os salafistas vêem-se a si próprios como os únicos verdadeiros muçulmanos, considerando aqueles que praticam a chamada “idolatria maior” como estando fora dos limites da comunidade islâmica de crentes.

Esta doutrina ofensiva justifica a ação do ISIS em todas as áreas onde a influência xiita é vista como estando em expansão, “de Teerão a Beirute”, nas palavras de al-Baghdadi (Bunzel, 2015, p. 11). De facto, a “*jihad* ofensiva do Estado islâmico” é dirigida principalmente contra os xiitas da região. Para além das diferenças doutrinárias, a sua percepção é que os xiitas têm planos expansionistas no Médio Oriente e que Washington ajuda a aumentar a influência xiita na região.

A Al-Qaeda enfatizou a santidade do sangue muçulmano. Esta visão foi mesmo confirmada nos documentos encontrados na casa de Bin Laden em Abbottabad, nas comunicações privadas entre os líderes da Al-Qaeda e jihadistas afiliados, onde a Al-Qaeda expressou as suas preocupações sobre o uso excessivo da violência por alguns desses grupos (Zelin, 2014b, p. 3).

A disputa sobre a interpretação/legitimidade da herança salafita-wahhabita levou a uma contenda no seio dos clérigos muçulmanos, que tendem a posicionar-se ao lado da Al-Qaeda, devido a lealdades anteriores e, em parte, motivados pela recusa de violência extrema e arbitrária e dos excessos cometidos na invocação sistemática de *takfir* dos muçulmanos. Os estudiosos mais proeminentes da *jihad*, apesar do seu próprio rigor salafita, tendem a ficar ao lado da Al-Qaeda. O xeique Abu Muhammad al-Maqdisi¹², visto como a voz mais influente do Islão salafista, rejeitou a violência excessiva e objetou à inclinação do ISIS para a violência extrema e arbitrária, incluindo decapitações, e à sua prática exagerada de *takfir*.

A leitura estreita e seletiva do Alcorão e outras decisões (*fatwas*) religiosas, não só justificam a violência, mas também providenciam a justificação para a agressão sexual e a escravatura das mulheres como sendo práticas espiritualmente benéficas e mesmo virtuosas (Coker, 2014), tal como exposto na *Daqib*, a revista de propaganda do Daesh em língua inglesa. No artigo, “The Revival of Slavery Before the Hour”, a revista declarou que “as famílias yazidis escravizadas são agora vendidas pelos soldados do Estado Islâmico, enquanto os mushrikîn foram vendidos pelos companheiros”, acrescentando que, “as mulheres e crianças yazidia foram então

12 O ideólogo jihadista jordano, Issam Muhammad Tahir al-Barqawi (Abu Muhammad al-Maqdisi), o “mais importante ideólogo jihadista” (Zelin, 2014, p. 2), faz parte de uma rede dispersa de académicos independentes que deram substância ideológica ao movimento jihadista emergente. As obras de académicos, como o jordano-palestiniense, Abu Muhammad al-Maqdisi, e o sírio, Abu Basir al-Tartusi, deram o tom ao movimento. Ver Wagemakers (2012), Lav (2012) e Bunzel (2015, p. 9).

divididas, segundo a *shariah*, entre os combatentes do Estado Islâmico que participaram nas operações do Sinjar” (*Daqib*, 1435 [2013/2014], p. 15).

Diferenças Táticas e Estratégicas

Embora partilhando alguns dos objetivos e princípios da Al-Qaeda, existem algumas diferenças importantes que decorrem dos aspetos organizacionais e estratégicos. Contudo, esses aspetos têm vindo a esbater-se, verificando-se uma convergência na estratégia e *modus operandi* dos dois grupos. Na Síria, o Daesh mostrou-se empenhado em desenvolver uma estratégia de controlo territorial e em expandir a sua influência e território. A narrativa do Daesh centra-se em aspetos de governação e consolidação do poder estatal, apresentava-se como uma força capaz de prestar serviços públicos, cumprir funções sociais e assegurar a aplicação da lei (Fink e Sugg, 2015). A narrativa mediática de ISIS exposta na *Dabiq*¹³, sublinha os elementos indispensáveis ao estabelecimento do Estado islâmico, com base na sua interpretação radical do Islão, refletida no slogan *baqiya wa tatamaddad* – ou seja, “perdurar e expandir-se” (Lister, 2014, p. 6; Fink e Sugg, 2015).

O sucesso nesta estratégia permitiu ao Daesh a predominância temporária na condução da *jihad* global, catalisando o entusiasmo de cerca de 25.000 (UNOCT, 2017) a 30.000 combatentes estrangeiros (Soufan Group, 2015). O alargamento do seu território proporcionou-lhe mais recursos e melhores condições para instalar e reforçar o seu exército, indispensável a uma estratégia de controlo sobre a sociedade e o território. A nível regional, o território capturado foi dividido em províncias, ou *wilayat*, para facilitar a sua administração (Cordall 2014).

Do gabinete e dos governadores aos órgãos financeiros e legislativos, a hierarquia burocrática do ISIS assemelhava-se à de uma estrutura estatal normal. O ISIS separou a sua autoridade civil da militar, com *walis* (ministros) nomeados para supervisionar todas as principais funções. O ramo executivo do governo – *al-Imara*, o Emirado –, era composto pelo comandante-chefe – o Califa – e os conselhos consultivos de *shura* e *sharia*, bem como pelos seus representantes no Iraque e da Síria, com 12 governadores cada, e diferentes conselhos responsáveis pelas questões financeiras, militares, meios de comunicação social, e outras (Thompson e Shubert, 2015). O sistema era capaz de fornecer alguns serviços básicos às populações (Thompson e Shubert, 2015).

O Daesh evoluiu de um grupo extremista marginal para a milícia mais forte, melhor financiada e armada da história moderna. Tornou-se autossustentável,

13 O ISIS acredita que irá enfrentar e derrotar as forças “cruzadas” numa planície perto da aldeia síria de Dabiq (daí o nome da revista).

detendo importantes recursos de petróleo, e financiando-se com a extorsão, cobrança de impostos, contrabando de antiguidades, roubo e tráfico humano (Cronin, 2005; Lock, 2014; Lister, 2014, p. 23; Dilanian, 2014; Humud, Pirog e Rosen, 2015, pp. 4-5).

O Daesh também evoluiu de uma ameaça terrorista para uma força militar. O movimento tornou-se uma organização militar, conduzindo atividades terroristas e operações militares convencionais. O ISIS comandou cerca de 31.000 combatentes, dos quais cerca de 20.000 a 25.000 eram forças ideologicamente leais e a tempo inteiro. Através da sua capacidade de manter uma dinâmica ofensiva e de manter ganhos materiais consistentes, o Daesh tornou-se uma organização versátil, operando simultaneamente como força terrorista, de insurreição e de infantaria ligeira (Lister, 2014, p. 2; Coticchia, 2016, pp. 132-133). O seu comportamento militar era muito mais convencional, orientado para a batalha e conquista territorial, com todas as ações inerentes: posicionamento da artilharia, forças humanas e materiais no terreno e ação militar mecanizada. O terrorismo era uma componente da guerra psicológica revolucionária contra os seus inimigos, procurando minar a moral dos exércitos e das forças de segurança inimigas, aprofundando o confronto sectário, espalhando o medo e outras dinâmicas que podiam neutralizar a resistência à nova ordem (Byman, 2015).

A campanha perversa de carnificina do ISIS foi uma atuação cuidadosamente encaixada, concebida precisamente para atrair a atenção constante dos meios de comunicação social, criar medo entre os seus inimigos, e atrair aderentes. A produção hábil de propaganda amplamente difundida na campanha dos meios de comunicação social, foi bem-sucedida na utilização da internet e das aplicações das redes sociais para recrutar combatentes (Garin, 2015).

A crescente ameaça e perigo que o Daesh representava levou à mobilização de uma coligação internacional em setembro de 2014 liderada pelos Estados Unidos, que incluiu mais de 70 países. Após uma sangrenta campanha de cinco anos, o Estado Islâmico foi militarmente derrotado e perdeu o seu território com a queda do seu último reduto, em março de 2019, em Baghuz, no nordeste da Síria.

Derrota ou Transformação?

O Daesh expandiu-se e agora tem autoridade sobre grupos satélites em territórios fora do Iraque e do Levante. Os grupos que prometeram *baya* a al-Baghdadi são elementos jihadistas na Arábia Saudita e no Iémen, juntamente com grupos jihadistas na Argélia (Jund al-Khilafah), Líbia (Majlis Shura Shabab al-Islam), Sinai (Ansar Beit al-Maqdis), e o Boko Haram na Nigéria. No Iémen, o ISIS está agora em competição direta com a Al-Qaeda na Península Arábica (AQAP) (Byman, 2015a).

Apesar da derrota militar do Estado islâmico, o Daesh, que foi a espinha dorsal e a base para o estabelecimento do Califado, continua a dispor de cerca de 14.000 a 18.000 combatentes no Médio Oriente e milhares de combatentes que pertencem aos seus aliados em todo o mundo (Schweitzer, 2021). Eles renovaram o seu juramento de fidelidade ao novo líder do ISIS, Abu Ibrahim al-Hashimi al-Qurashi, que foi nomeado após o assassinato de al-Baghdadi, em outubro de 2019, a norte da cidade de Idlib¹⁴.

Aparentemente ofuscada pelo protagonismo do Daesh, a Al-Qaeda também conseguiu nestes anos reforçar as suas fileiras com novos recrutas. A Al-Qaeda deteve posições na Síria, através da sua organização, a Frente al-Nusra, a qual jurou fidelidade a al-Zawahiri. Ao longo dos anos, a JAN distanciou-se da Al-Qaeda e mudou o seu nome duas vezes: para Jabhat Fateh al-Sham e, mais tarde, para Hay'at Tahrir al-Sham (HTS). O objetivo era marcar a sua distância do campo salafista-jihadista e da marca terrorista internacional dos afiliados da Al-Qaeda e de se querer concentrar numa campanha local, centrada no combate ao regime de Assad. Hoje a organização mantém um aliado local na Síria, Hurras ad-Din (Organização dos Guardiões da Religião). A Al-Qaeda não foi derrotada com a morte de Bin Laden em 2011. Ao descentralizar-se, através das suas franquias, a Al-Qaeda tem hoje uma pegada maior.

A verdade é que ambos os grupos têm recorrido cada vez mais a estratégias mistas e “glociais”, combinando a ênfase em conflitos locais com ambições internacionais, o que torna cada vez mais ténue a distinção teórica entre o inimigo próximo e o inimigo distante (Hansen, 2021; Carezni, 2020).

A Al-Qaeda encontra-se agora em força em zonas do Médio Oriente, como o Iémen, no Sahel e no Magrebe, no Norte de África, na África Oriental e no Afeganistão. No Iraque e na Síria, o ISIS continua ativo, embora as operações de contra-terrorismo o tenham enfraquecido. Na Síria oriental, o ISIS tem vindo a reconstituir as suas capacidades de combate e está a fazer a transição para a guerra de guerrilha. O noroeste da Síria, que está principalmente sob o controlo de HTS, serve de santuário para as famílias do Daesh e de ponto de trânsito chave para entrar na Turquia. No Iraque, o ISIS tem forças mais reduzidas, mas continua a ter células de ataque, incluindo em Bagdade e nas zonas sunitas circundantes (Zimmerman, 2021).

O sonho de estabelecer o califado islâmico não se realizará num futuro próximo. Ao mesmo tempo, o Daesh tem à sua disposição novas reservas de mão-de-obra, muitas delas imbuídas de doutrinação salafita-jihadista e com grande experiência de combate. O possível reforço adicional reside nos milhares de potenciais combatentes e seus familiares que permanecem na área de Idlib (nordeste da Síria), e nos

14 Morto, por sua vez, por forças americanas em fevereiro de 2022.

campos de detenção de al-Hol (66.000 detidos) e de al-Roj (4.000), no nordeste da Síria (Chehayeb, 2022)¹⁵. Após a queda do Califado, dezenas de milhares de mulheres e crianças foram detidas em campos de alta segurança, ao passo que os rapazes e homens foram presos. Os campos de deslocados tornaram-se um foco de recrutamento para a ISIL (UNSC, 2021). Os assassinatos e outros crimes violentos são comuns. Muitos elementos fugiram dos campos para se juntarem aos combatentes do grupo.

Um aspeto importante a salientar é que a Al-Qaeda, o Daesh ou os grupos semelhantes definem o sucesso como sendo aceite, ou pelo menos tolerado, pelas populações sunitas. O número de sunitas sob a sua governação tem sido sempre a sua principal métrica de sucesso.

Nesse sentido, a eliminação do califado territorial é importante. Contudo, o movimento salafita-jihadista prossegue uma estratégia faseada e adaptativa. Desde a Primavera Árabe de 2011, têm-se concentrado em penetrar no tecido das populações sunitas, em vez de governar diretamente. A Al-Qaeda governou partes do Iémen através dos seus aliados locais após a eclosão da guerra civil de 2015, tirando as lições que os salafitas aprenderam da Síria e do Mali. Este movimento pode pôr temporariamente de parte a ideologia e os princípios religiosos. Em última análise, utilizará a sua posição para impor a sua vontade, diretamente, ou através dos seus *proxies* no terreno.

O terrorismo é apenas uma tática, e muitos grupos desvalorizaram a sua utilização porque a sua utilização os alienou das comunidades que procuravam infiltrar. O próprio Daesh mede agora o sucesso pela profundidade e amplitude da sua infiltração, e, nessa vertente, está a ganhar terreno (Zimmerman, 2019). Tal como afirmam Berlingozzi e Baldaro, referindo-se ao Sahel: “O fenómeno da insurreição pode ser enquadrado tanto dentro da lógica local como global como um epifenómeno “glocal”¹⁶, onde as realidades sociais micro-locais são inseridas num certo jihadismo global. A dimensão local das insurreições é central, uma vez que – em diferentes graus – as insurreições provaram ser mais hábeis em explorar as queixas locais, especialmente no que diz respeito a abusos por parte das forças de segurança e defesa” (Berlingozzi e Baldaro, 2021; Bencherif, 2021). O grupo imiscuiu-se nos conflitos locais no Mali, tirando partido da violência entre comunidades para aumentar a sua influência no seio de diferentes comunidades e tem-se mostrado resistente a operações de contra-terrorismo.

15 Das quais 40.000 são crianças. 7.800 delas são oriundas de cerca de 60 países. Os restantes são da Síria e do Iraque.

16 Tal como definido por Marret (2008), *jihad* “glocal” significa que as fronteiras entre conflitos locais, nacionais, regionais, transnacionais, e globais se esbatem devido às dimensões simbólicas e ao imaginário partilhado da galáxia jihadista.

A Al-Qaeda no Magrebe Islâmico (AQIM) continua a operar a partir de abrigos seguros no sudoeste da Líbia. A AQIM deu prioridade ao sucesso do grupo Jamaat Nasr al Islam wa al Muslimin (JNIM), concentrando os seus recursos no Sahel (Forbes, 2018). A JNIM, baseada principalmente no Mali, espalhou-se pelos países vizinhos, recrutando no Senegal e na Costa do Marfim, bem como ameaçando o Benim, o Gana e o Togo. Em África, grupos ligados à Al-Qaeda expandiram-se do Mali para os vizinhos Níger e Burkina Faso, e da Somália para o Quênia, fazendo valer-se do descontentamento da população local para conseguir infiltrar-se.

O Estado Islâmico no Grande Saara (ISGS), operando principalmente no Burkina Faso, Mali e Níger, tem dado prioridade à realização de ataques em grande escala contra as forças de segurança e milícias de autodefesa comunitária. O ISGS e a JNIM entraram em conflito direto à medida que cada um deles se expandiu. As forças regionais de combate ao terrorismo, apoiadas por uma missão de forças especiais liderada pela França, têm visado a liderança destes grupos mas não reduziram a sua influência no terreno. No início de 2020, a França optou por se concentrar no ISGS na zona de fronteira triangular, Níger-Mali-Burkina Faso, conhecido como Liptako-Gourma. Esta mudança revelou-se bem-sucedida uma vez que perturbou as operações do ISGS e levou à eliminação de vários líderes-chave entre janeiro de 2020 e setembro de 2021. Ao mesmo tempo, este foco no ISGS e em Liptako-Gourma teve várias consequências não intencionais. A primeira foi que o ISGS expandiu o seu alcance para evitar campanhas agressivas de contra-terrorismo. Isto poderia ajudar a explicar a sua expansão para os Estados vizinhos. Consequentemente, os grupos têm-se expandido para mais perto de partes das regiões setentrionais dos Estados litorais (Lyammouri, 2021).

A Província da África Ocidental do Estado Islâmico – ou, na sigla em inglês de Islamic State West Africa Province, ISWAP – cresceu em função do enfraquecimento do Boko Haram, do qual se separou originalmente. O ISWAP absorveu algumas fações do Boko Haram e prosseguiu uma estratégia mais bem-sucedida do que a sua rival na construção de apoio dentro das comunidades locais (ICG, 2021; Zimmerman, 2021).

O grupo Ahlu Sunna Wal Jammah (ASWJ), conhecido localmente como Al-Shabab, atua em Moçambique e na República Democrática do Congo. Em Moçambique, a ASWJ tornou-se mais perigoso e sofisticado desde 2017. No início de 2020, os rebeldes detinham um arsenal significativo de armas das forças de segurança do governo e conseguiram montar ataques às capitais de distrito, incluindo o porto de Mocimboa da Praia. A violência contra civis também aumentou durante o ano passado, à medida que a insurreição avançou para sul em direção à capital provincial, Pemba, com inúmeras atrocidades cometidas por combatentes do ASWJ.

Os dois grupos não abdicaram de atacar o inimigo longínquo. Recorde-se que a Al-Qaeda no Iémen reclamou a responsabilidade pelos atentados de Paris de

janeiro de 2015. O último ataque dirigido com sucesso contra os EUA, teve lugar em dezembro de 2019: o ataque à Base Aérea da Marinha de Pensacola, que vitimou três americanos. A 5 de janeiro de 2020, militantes do Al-Shabab, um grupo ligado à Al-Qaeda, atacou uma base militar dos EUA na Baía de Manda, Quênia, matando três americanos. Tal deve servir para lembrar que, apesar da forte concentração das atenções internacionais no Daesh, a Al-Qaeda ainda é muito perigosa e uma ameaça muito significativa para o Ocidente.

Nos Estados Unidos e na Europa, o Daesh dirigiu vários ataques em 2015, e inspirou “lobos solitários”. Os combatentes estrangeiros retornados levaram a cabo ataques terroristas em Paris, contra um avião de passageiros russo no Sinai e em San Bernardino, na Califórnia, provando a sua capacidade de conduzir assassínios em larga escala.

Conclusão

O Califado territorial do ISIS foi derrotado, mas as organizações jihadistas parecem ter investido cada vez mais nas agendas locais, embora a *jihad* global continue a ser central para a sua visão e objetivos. A *jihad*, no seu terreno primário de expansão, África, é “glocal” e deve ser entendida como o resultado da interação entre dinâmicas a nível local e a uma escala mais global. Hegghammer descreveu este processo como “hibridização ideológica”, o qual se traduz no esbater dos conceitos entre os grupos da *jihad* global. O jihadismo adquiriu uma natureza descentralizada como resultado destas parcerias e o discurso deixou de se focar na organização para se concentrar no movimento. Esta cooperação permitiu conciliar a natureza cada vez mais desterritorializada do jihadismo global com estruturas organizacionais ligadas a territórios específicos.

Longe de representar um movimento homogêneo de essência religiosa, a *jihad* é, cada vez mais, o resultado da fusão com insurreições locais, junção essa que é construída com base nas fraturas sociais, políticas ou económicas desses territórios. Dará lugar a formas híbridas de violência onde a autodefesa, a rebelião e o jihadismo se alimentam uns dos outros. No entanto, a resposta dada, tanto pelos Estados e pelas operações de estabilização, parece estar desfasada desta realidade. Eles defendem uma resposta puramente militar a um fenómeno que é essencialmente social e político. Na ausência de uma resposta política, os rebeldes estão a ser alvo de uma verdadeira radicalização. Enfrentar as ameaças terroristas locais, globais ou “glocals” requer diferentes abordagens táticas e estratégicas e implica escolhas difíceis sobre as prioridades a definir.

Bibliografia

- al-Baghdadi, Abu Bakr al-Husayni al-Qurashi (2014). *A Message to the Mujahidin and the Muslim Ummah in the Month of Ramadan*, Institutional Scholarship, 7 de janeiro. Disponível em: <https://scholarship.tricolib.brynmawr.edu/handle/10066/14241> [acedido a 12 de junho de 2021].
- Arena, M. C. P., 2018. Explicações para o recrutamento e radicalização jihadista: o caso dos *foreign fighters* portugueses. Em, Sousa, S., Aguiar, M., Matos, *et al.*, eds., *No princípio era a palavra – O lugar das Humanidades*. Atas do XIX Colóquio de Outono. CEHUM/Ed. Húmus, pp. 23-38.
- Bencherif, A., 2021. Unpacking “glocal” jihad: from the birth to the “sahelisation” of Al-Qaeda in the Islamic Maghreb. *Critical Studies on Terrorism*, vol. 14, n.º 3, pp. 335-353. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17539153.2021.1958171> [acedido a 12 de fevereiro de 2022].
- Benraad, M., 2011. Iraq’s Tribal “Sawha”: Its Rise and Fall. *Middle East Policy*, vol. XVIII, n.º 1. Disponível em: <http://www.mepc.org/journal/middle-east-policy-archives/iraqs-tribal-sahwa-its-rise-and-fall> [acedido a 30 de maio de 2015].
- Bergen, P., 2010. *The Longest War: The Enduring Struggle between the United States and Al Qaeda*. Nova Iorque: Simon & Schuster.
- Berlingozzi, L. e Baldaro, E., 2021. In the Sahel, 20 Years of War on Terror Has Created More and Stronger Enemies. *Institute for International Political Studies (ISPI)*, 10 September. Disponível em: <https://www.ispionline.it/en/publicazione/sahel-20-years-war-terror-has-created-more-and-stronger-enemies-31617> [acedido a 18 de fevereiro de 2022].
- Bertrand, N., 2015. We’re Getting to Know Just How Different ISIS is from al-Qaeda. *Insider*, às 8:27 PM, 21 de maio. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/difference-between-isis-and-al-qaeda-2015-5> [acedido a 20 de dezembro de 2015].
- Bokhari, L., Hegghammer, T., Lia, B., Nesser, P. e Tønnessen, T., 2006. *Paths to Global Jihad: Radicalisation and Recruitment to Terror Networks*. FFI Seminar hosted by the Norwegian Defense Research Establishment (Kjeller, Norway), Oslo, 15 March 2006, FFI/RAPPORT-2006/00935.
- Bunzel, C., 2015. From Paper State to Caliphate: The Ideology of the Islamic State. *Analysis Paper*, n.º 19, March. The Brookings Project on US Relations with the Islamic World.
- Bunzel, C., 2018. The Islamic State’s Mufti on Trial: The Saga of the “Silsila ‘Ilmiyya”. *CTC Sentinel*, vol. 1, n.º 9, pp. 14-17.
- Bunzel, C., 2015. From Paper State to Caliphate: The Ideology of the Islamic State. *Analysis Paper*, n.º 19, March. The Brookings Project on US Relations with the Islamic World.
- Burgat, F., 2005. *L’Islamisme a L’Heure D’Al-Qaida*. Paris: Éditions La Decouverte.
- Byman, D. L., 2019. *Road Warriors: Foreign Fighters in the Armies of Jihad*. Nova Iorque: Oxford University Press.

- Byman, D. L., 2015a. Comparing Al-Qaeda and ISIS: Different Goals, Different Targets. *The Brookings Institution*. April 29. Disponível em: <http://www.brookings.edu/research/testimony/2015/04/29-terrorism-in-africa-Byman> [acedido a 12 de dezembro de 2015].
- Byman, D. L., 2015b. *Terrorism in Africa: The Imminent Threat to the United States*. Testimony before the Subcommittee on Counterterrorism and intelligence of the House Committee on Homeland Security. The Brookings Institution, April 29. Disponível em: <https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/Byman-AQ-v-IS-HSC-042315-2.pdf> [acedido a 12 de dezembro de 2015].
- Carenzi, S., 2020. A Downward Scale Shift? The Case of Hay'at Tahrir al-Sham. *Perspectives on Terrorism*, vol. 14, n.º 6, pp. 91-105.
- Chehayeb, K., 2022. Calls grow to repatriate ISIL child detainees after jail clashes. *Al Jazeera*, 27 Jan 2022. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/1/27/hundreds-of-children-still-held-in-isil-prison-rights-groups-say> [acedido a 20 de fevereiro 2022].
- Coker, M., 2014. The New Jihad. *The Wall Street Journal*, às 12:36 pm ET, July 11. Disponível em: <http://www.wsj.com/articles/why-the-new-jihadists-in-iraq-and-syria-see-al-qaeda-as-too-passive-1405096590> [acedido a 25 de julho de 2015].
- Cordall, S. S., 2014. How ISIS Governs Its Caliphate. *Newsweek*, às 10:34 AM EST, 2 de dezembro. Disponível em: <http://www.newsweek.com/2014/12/12/how-isis-governs-its-caliphate-288517.html> [acedido a 12 de fevereiro de 2021].
- Coticchia, F., 2016. The Military Impact of Foreign Fighters on the Battlefield: The Case of the ISIL. Em, Guttry, A., Capone, F., e Paulussen, C., eds., *Foreign Fighters under International Law and Beyond*. T.M.C. Asser Press, The Hague, pp. 121-138.
- Cronin, A. K., 2015. ISIS Is Not a Terrorist Group: Why Counterterrorism Won't Stop the Latest Jihadist Threat. *Foreign Affairs*, March/April 2015. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/middle-east/2015-02-16/isis-not-terrorist-group> [acedido a 21 de dezembro de 2015].
- Dabiq*, (1435 – 2013/2014), n.º 4. Disponível em: <http://www.clarionproject.org/news/islamic-state-isis-isil-propaganda-magazine-dabiq> [acedido a 26 de agosto de 2015].
- Drevon, J. e Haenni, P., 2022. Redefining Global Jihad and Its Termination: The Subjugation of al-Qaeda by Its Former Franchise in Syria. *Studies in Conflict & Terrorism*, 17 Apr 2022. Disponível em DOI: 10.1080/1057610X.2022.2058351 [acedido a 20 de março de 2022].
- Fink, N. C. e Sugg, B., 2015. A Tale of Two Jihads: Comparing the al-Qaeda and ISIS Narratives. *The Global Observatory*, February 9. International Peace Institute. Disponível em: <http://theglobalobservatory.org/2015/02/Jihad-al-Qaeda-isis-counternarrative/> [acedido a 22 de novembro de 2015].
- Fishman, B., 2012. The Evidence of Jihadist Activity in Syria. *CTC Sentinel*, vol. 5, n.º 5, pp. 4-10.

- Fishman, B., 2011. Redefining the Islamic State: The Fall and Rise of Al-Qaeda in Iraq. *National Security Studies Program Policy Paper*, August 2011. New America Foundation. Disponível em: https://static.newamerica.org/attachments/4343-redefining-the-islamic-state/Fishman_AL_Qaeda_In_Iraq.023ac20877a64488b2b791cd7e313955.pdf [acessado a 20 de outubro de 2015].
- Forbes, J., 2018. Revisiting the Mali al-Qaeda Playbook: How the Group is Advancing on its Goals in the Sahel. *CTC Sentinel*, vol. 1, n.º 9, pp. 18-21.
- Fregosi, P., 1998. *Jihad in the West: Muslim Conquests from the 7th to the 21st Centuries*. Nova Iorque: Prometheus Books.
- Garin, S., 2015. Pop terrorism: ISIS' media campaign. *Harvard Political Review*, June 11. Disponível em: <http://harvardpolitics.com/world/pop-terrorismismediaCampaign/> [acessado a 20 de janeiro de 2022].
- Gordts, E., 2014. This Is How ISIS Makes \$3 Million A Day. *HuffPost*, às 04:13 PM EDT, September 22. Disponível em: http://www.huffingtonpost.com/2014/09/22/isis-funding_n_5850286.html [acessado a 12 de dezembro de 2015].
- Hansen, S. H., 2021. 'Forever wars'? Patterns of diffusion and consolidation of Jihadism in Africa. *Small Wars & Insurgencies*, vol. 33, n.º 3, pp. 409-436. Disponível em DOI: 10.1080/09592318.2021.1959130
- Hassan, H., 2018. Two Houses Divided: How Conflict in Syria Shaped the Future of Jihadism. *CTC Sentinel*, vol. 11, n.º 9, pp. 1-8.
- Hegghammer, T., 2010. The Rise of Muslim Foreign Fighters: Islam and the Globalization of Jihad. *International Security*, vol. 35, n.º 3, (Winter 2010/2011), pp. 53-94.
- Hegghammer, T., 2009. The Ideological Hybridization of Jihadi Groups. Em, Hillel Fradkin, Husain Haqqani, Eric Brown e Hassan Mneimneh, eds., *Current Trends in Islamist Ideology*, vol. 9. Washington: Hudson Institute/Center on Islam, Democracy, and the Future of the Muslim World, pp. 26-45.
- Hegghammer, T. 2006. Global Jihadism after the Iraq War. *Middle East Journal*, vol. 60, n.º 1, pp. 11-32.
- Holbrook, D., 2015. Al-Qaeda and the Rise of ISIS. *Survival*, vol. 57, n.º 2, pp. 93-104.
- Humud, C. E., Pirog, R. e Rosen, L., 2015. *Islamic State Financing and U.S. Policy Approaches*. CRS Report for Congress, R43980, April 10. Washington: Library of Congress, Congressional Research Service (CRS).
- International Crisis Group (ICG), 2021. *Stemming the Insurrection in Mozambique's Cabo Delgado*. Africa Report n.º 303, 11 de junho. Bruxelas: ICG. Disponível em: <https://www.crisisgroup.org/africa/southern-africa/mozambique/303-stemming-insurrection-mozambiques-cabo-delgado>
- Lahoud, N., 2010. *The Jihadis' Path to Self-Destruction*. Nova Iorque: Columbia University Press.

- Lav, D., 2012. *Radical Islam and the Revival of Medieval Theology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lia, B. e Hegghammer, T., 2004. Jihadi Strategic Studies: The Alleged al Qaeda Policy Study Preceding the Madrid Bombings. *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 27, n.º 4, pp. 355-376.
- Lister, C., 2014. Profiling the Islamic State. *Brookings Doha Center Analysis Paper*, n.º 13, November. The Brookings Institution. Disponível em: https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2014/12/en_web_lister.pdf [acedido a 17 de fevereiro de 2021].
- Lock, H., 2014. How Isis Became the Wealthiest Terror Group in History. *Independent*, às 15:05, Monday 15 September. Disponível em: <http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/how-isis-became-the-wealthiest-terror-group-in-history-9732750.html> [acedido a 12 de setembro de 2015].
- Lyammouri, R., 2021. For Mali and the Sahel, New Tensions and an Old – and Worsening – Security Problem. *Middle East Institute*, November 8. Disponível em: <https://www.mei.edu/publications/mali-and-sahel-new-tensions-and-old-and-worsening-security-problem> [acedido a 12 de fevereiro de 2022].
- Marret, J.-L., 2008. Al-Qaeda in Islamic Maghreb: A “Glocal” Organization. *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 31, n.º 6, pp. 541-552. Disponível em DOI:10.1080/10576100802111824 [acedido a 12 de fevereiro de 2022].
- McAdam, D., McCarthy, J. D. e Zald, M. N., 1996. Introduction: Opportunities, Mobilizing Structures, and Framing Processes – Toward a Synthetic, Comparative Perspective on Social Movements. Em, D. McAdam, J. D. McCarthy e M. N. Zald, eds., *Comparative Perspectives on Social Movements: Political Opportunities, Mobilizing Structures, and Cultural Framing*. Nova Iorque: Cambridge University Press, pp. 1-20.
- McCants, W., 2015. *The ISIS Apocalypse: The History, Strategy, and Doomsday Vision of the Islamic State*. Nova Iorque: St. Martin’s Press.
- Pinto, M. C., 2004. A Jihad global e o contexto europeu. Em, Adriano Moreira, coord., *Terrorismo*. 2.ª ed. Coimbra: Almedina.
- Schweitzer, Y., 2021. Salafi-Jihadism in the Decade following the Arab Spring: Down and Up and Down Again. *Strategic Assessment*, vol. 24, n.º 1. Disponível em: <https://www.inss.org.il/publication/salafi-jihadism-in-the-decade-following-the-arab-spring-down-and-up-and-down-again/> [acedido a 18 de fevereiro de 2022].
- Snow, D. A. e Byrd, S. C., 2007. Ideology, Framing Processes, and Islamic Terrorist Movements. *Mobilization: An International Quarterly*, vol. 12, n.º 1, pp. 119-136.
- Soufan Group, 2015. *Foreign Fighters: An updated assessment of the flow of foreign fighters into Syria and Iraq*. The Soufan Group, December. Disponível em: <https://templatelab.com/foreign-fighters-in-syria-update/> [acedido a 18 de julho de 2017].
- Swanson, A., 2015. How the Islamic State Makes its Money. *The Washington Post*, November 18. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/wonk/wp/2015/11/18/how-isis-makes-its-money/> [acedido a 3 de fevereiro de 2022].

- Thompson, N. e Shubert, A., 2015. The Anatomy of ISIS: How the 'Islamic State' is Run, from Oil to Beheadings. *CNN*, às 14:11 GMT (22:11 HKT), January 14. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2014/09/18/world/meast/isis-syria-iraq-hierarchy/> [acedido a 27 de maio de 2015].
- United Nations Office of Counter-Terrorism (UNOCT), 2017. *Enhancing the understanding of the Foreign Terrorist Fighters phenomenon in Syria*. UNOCT, July. Disponível em Regional Cooperation Council [website] <https://www.rcc.int/swp/docs/40/enhancing-the-understanding-of-the-foreign-terrorist-fighters-phenomenon-in-syria-2018> [acedido a 18 de julho de 2017].
- United Nations Security Council (UNSC), 2021. *Thirteenth report of the Secretary-General on the threat posed by ISIL (Da'esh) to international peace and security and the range of United Nations efforts in support of Member States in countering the threat*. S/2021/682, 27 July. Disponível em: <https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N21/192/02/PDF/N2119202.pdf?OpenElement>
- Wagemakers, J., 2012. *A Quietist Jihadi: The Ideology and Influence of Abu Muhammad al-Maqdisi*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wagemakers, J., 2011. Reclaiming Scholarly Authority: Abu Muhammed al-Maqdisi's Critique of *Jihadi* Practices. *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 34, n.º 7, pp. 523-539.
- Wiktorowicz, Q., 2005. *Radical Islam Rising: Muslim Extremism in the West*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers.
- Zelin, A. Y., 2014a. ISIS Has Declared The Creation of Provinces in Several Arab Countries. *Insider*, às 9:50 PM, Nov 14. Disponível em: <http://www.businessinsider.com/aaron-zelin-isis-declared-provinces-in-arab-countries-2014-11#ixzz3l1zsNg4e> [acedido a 2 de setembro de 2015].
- Zelin, A. Y., 2014b. *The War between ISIS and Al-Qaeda for Supremacy of the Global Jihadist Movement*. *Research Notes*, Number 20, June. The Washington Institute for Near East Policy. Disponível em: <https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/war-between-isis-and-al-qaeda-supremacy-global-jihadist-movement>
- Zimmerman, K., 2021. Al Qaeda & ISIS 20 Years After 9/11. *Wilson Center*, September 8. Disponível em: <https://www.wilsoncenter.org/article/al-qaeda-isis-20-years-after-911> [acedido a 16 de fevereiro de 2021].
- Zimmerman, K., 2019. The Salafi-Jihadist Movement Is Winning. *Critical Threats*, February 13. Disponível em: <https://www.criticalthreats.org/analysis/the-salafi-jihadist-movement-is-winning> [acedido a 12 de janeiro de 2021].